O GRANDE DESAFIO É TRAÇAR OBJETIVOS E METAS PARA DEZ OU VINTE ANOS

MARCOS DA ROSA
PRESIDENTE DA APROSOJA BRASIL
POR PAULO ROQUE

Gaúcho de Passo Fundo, agrônomo e produtor rural no Mato Grosso, Marcos da Rosa, o novo presidente de uma das mais importantes entidades dos produtores do País, fala sobre os principais aspectos das cadeias que envolvem a principal *commodity* brasileira e os planos de sua gestão.

AGROANALYSIS: NOS ÚLTIMOS DEZ ANOS, A ÁREA PLANTADA COM SOJA CRESCEU PERTO DE 10 MILHÕES DE HECTARES. PODEMOS DIZER QUE HOUVE UM GRANDE *BOOM*?

MARCOS DA ROSA: Nos últimos dez anos, a área semeada de soja no Brasil apresentou um avanço de 46%, chegando a quase 33 milhões de hectares. Na década anterior, de 1996 a 2006, o crescimento atingiu 12 milhões hectares. Nas últimas duas décadas, crescemos acima dos Estados Unidos e da Argentina. Ambos tiveram avanço próximo a 15% entre 2006 e 2016, enquanto o mundo cresceu 29%. Esta taxa é inferior ao registrado no Brasil. O principal estado a contribuir para o grande aumento na área semeada no País foi o Mato Grosso, com aumento de 49%, de 2006 até 2016, superior ao apresentado na área semeada de soja no Brasil.



AS EXPORTAÇÕES PELO ARCO NORTE CRESCEM, MAS AS AÇÕES EMERGENCIAIS DAS OBRAS PARA O ESCOAMENTO NA ÉPOCA DE CHUVA E A CONCLUSÃO DA BR-163 SEGUEM ATRASADAS?

MR: Em 2014, dois trechos licitados foram abandonados pelas empresas vencedoras. No início de 2015, foram licitados novamente estes dois trechos, porém as duas empresas vencedoras somente foram mobilizar-se no final de 2015. A estimativa é terminá-las até meados de 2017. Já as pontes são licitadas até Miritituba, e faltam três, todas licitadas e com ordem de serviço para o final deste mês. Para as quatro restantes, até Santarém, a previsão para o início das obras é agosto próximo. No geral, o projeto de pavimentação, com 976 quilômetros, estende-se na fronteira entre os estados Mato Grosso e Pará. 89% já estão pavimentados.

As ações emergenciais são de difícil realização, devido às elevadas precipitações. Por exemplo, quanto à erosão em uma subida íngreme de 4 a 5 quilômetros, antes de Miritituba, que destruiu o asfalto concluído, a umidade não permitiu a solução do problema, causando transtornos. Hoje, o trecho continua sem solução, no aguardo do final das chuvas.

A SAFRA 2015/16 APRESENTOU PROBLEMAS CLIMÁTICOS, MAS RESULTADO ECONÔMICO FAVORÁVEL. ESSE BALANÇO AINDA ESTIMULA O PLANTIO?

MR: Enquanto apresenta resultados positivos, a produção da cultura é estimulada. Mas, outros fatores influenciam a sua expansão. No acumulado da última década, o crescimento da produção e do consumo foi de 45% para as duas variáveis. No entanto, nas últimas safras, os estoques finais de soja cresceram, ano a ano. Isso pressiona para baixo as cotações. Novos aumentos nos cultivos do Brasil e noutros países estarão ligados à oferta e à demanda. Caso a demanda reduza o ritmo de aumento da oferta, haverá impacto na produção brasileira. O dólar, que tem oferecido crescimento, deve ser olhado com cautela, pois pode trazer prejuízos econômicos.

> “...É IMPORTANTE O PRODUTOR PLANEJAR-SE E SE PROTEGER, DE MODO A APROVEITAR AS OSCILAÇÕES DO DÓLAR DA MELHOR FORMA.”

Para os bolsões na região Centro-Oeste e 80% dos municípios produtores de soja da região do MAPITO (Mato Grosso, Piauí e Tocantins), a colheita ficou com menos da metade da produtividade prevista. Nestes municípios, se o poder público não adotar uma política de apoio aos produtores, poderemos ter redução de área na próxima safra. A Aprosoja Brasil já estima uma redução potencial de mais de 50% de produção no MAPITO, com impacto financeiro negativo de R$ 3,4 bilhões.

PARA QUEM PLANEJA A SAFRA 2016/17, O RISCO CAMBIAL CRESCERÁ. COMO O PRODUTOR PODE MINIMIZAR ESSA VOLATILIDADE DO DÓLAR?

MR: Com a volatilidade do dólar, os impactos sobre o custo e a comercialização da safra 2016/17 ficaram elevados. Como o risco aumenta, mecanismos como o de *hedge* cambial são eficazes. Em suma, é

importante o produtor planejar-se e se proteger, de modo a aproveitar as oscilações do dólar da melhor forma. O descasamento da moeda entre os momentos de compra de insumos e de venda do produto também deve ser analisado. Quem compra e vende em dólar faz as duas operações em reais. Assim, se usar moedas diferentes, é maior a possibilidade de prejuízo.

NA POLÍTICA AGRÍCOLA, O SEGURO RURAL AINDA É UMA INDEFINIÇÃO EM TERMOS DE COBERTURA E SUBVENÇÃO?

MR: Na realidade, a subvenção existe para poucos, principalmente para os produtores paranaenses. A operação de seguro é empurrada para os demais tomadores de crédito nos bancos oficiais.

Hoje, sabemos que R$ 400 milhões de subsídios aos prêmios não cobrem nem 10% da área plantada no País. Se considerássemos que o custeio da safra de grãos corresponde a R$ 110 bilhões, com apólices na média de 5%, estaríamos falando de R$ 5,5 bilhões. Isso seria um sonho distante. Mas, devemos perseguir objetivos e metas, por meio de propostas realistas e instrumentos sólidos.

Em um cenário de frustração de 10% da safra de soja, com cobertura de 70% de produtividade, o custo para o sinistro seria de R$ 7,0 bilhões. O orçamento não seria suficiente para dar previsibilidade e reduzir os riscos às resseguradoras. Nesse caso, entraria a figura do Fundo de Catástrofe (Lei Complementar nº 137/2010), com a promessa de cota inicial de R$ 4 bilhões em títulos do Tesouro, mas que permanece no esquecimento.

COMO O SETOR PRODUTIVO OLHA A QUESTÃO DO PAGAMENTO DE *ROYALTIES* E A LEI DE CULTIVARES?

MR: Os agricultores reconhecem o papel da pesquisa para a sustentabilidade do seu negócio. Como prova, trabalhamos uma proposta de revisão da Lei de Proteção de Cultivares para o recolhimento de *royalties* sobre a semente salva. Queremos criar um acordo partindo dos atores da cadeia (obtentores, multiplicadores e produtores), com força de lei, que estabelecerá a forma mais adequada de recolhimento para cada cultura. Considerando apenas o caso da soja, estima-se o valor de R$ 200 milhões.

O VAZIO SANITÁRIO E AS ÁREAS DE REFÚGIO SÃO DESAFIOS NA GESTÃO TÉCNICA DA PRODUÇÃO NACIONAL DE SOJA?

MR: Travamos uma batalha em torno de uma regulamentação de prazos e períodos de plantio. A situação deve ser vista de forma global. Não adianta o Brasil fazer proibições se, no Paraguai, planta-se o ano todo.

> “A DEMANDA POR ALIMENTOS NA CHINA NÃO PODE SER CERCEADA, NEM MESMO POR UMA CRISE ECONÔMICA NO PAÍS.”

> “OS AGRICULTORES RECONHECEM O PAPEL DA PESQUISA PARA A SUSTENTABILIDADE DO SEU NEGÓCIO.”

As medidas de mitigação precisam ser adotadas com agilidade, como na aprovação de novas misturas de fungicidas. Por sua vez, a pesquisa agrícola aplicada no controle e no manejo da ferrugem deve ser promovida. Há uma empresa só para a soja tolerante a ferrugem.

O refúgio é um caso provado de não responsabilidade do produtor. Falta apenas que as empresas promovam a tecnologia. As enquetes demonstram o desconhecimento técnico de mais da metade dos produtores para a adoção do refúgio. Questões como disponibilidade de cultivares de ciclo e porte compatível com a cultivar Bt também são apontadas como desafios.

PODEMOS CONTINUAR A ACREDITAR NA VORACIDADE DO MERCADO CHINÊS? NÃO ESTÁ NA HORA DE UM ACORDO BILATERAL MAIS DE LONGO PRAZO?

MR: A demanda por alimentos na China não pode ser cerceada, nem mesmo por uma crise econômica no país. Problemas pontuais podem existir. Como produz 10% do seu consumo, há uma profunda dependência pelo produto importado. Neste ano, o mercado chinês importará 83 milhões de toneladas, contra um consumo de 95 milhões, que crescerá 7%. O Brasil, por outro lado, participa com 53% deste volume importado, sendo considerado o seu grande parceiro para fornecer alimentos.

NESSE INÍCIO DE GESTÃO NA PRESIDÊNCIA DA APROSOJA BRASIL, EXISTE ALGUM PONTO MAIS PRIORITÁRIO PARA SER FOCADO?

MR: Fecharemos o planejamento estratégico para mantermos esforços em torno de pautas de grande impacto. O resultado deve ser favorável à produção agropecuária. Referimo-nos às mudanças na Lei Trabalhista, na Lei de Cultivares, na de Defensivos Agrícolas, no crédito rural, no seguro e na logística.

Analisaremos as especificidades da Aprosoja estadual para fazermos a tradução em ações em âmbito federal. Os produtores devem ter a real percepção da importância da entidade que os representa. Outro ponto é promover a imagem dos produtores e da cultura. Sabemos que são mais de 7 milhões de empregos diretos e indiretos. É a principal atividade econômica em cerca de 2 mil municípios brasileiros. Falaremos em poder de agregação com outras cadeias de produtos e serviços ligadas. Traduziremos essas informações para transmiti-las de forma simples e objetiva. ■